

Sobre a concordância nominal em Pedro Leopoldo/MG

Lília Soares Miranda Santos¹

RESUMO: Neste estudo, analisa-se a presença e a ausência de concordância nominal entre os elementos do SN na fala de Pedro Leopoldo/MG, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Das entrevistas com os 27 informantes selecionados em função das hipóteses específicas relacionadas a fatores extralinguísticos, extraímos 1.461 dados. De acordo com os resultados dessa análise, a ausência de concordância nominal (ACN) ocorre em 52% dos casos, confirmando, dessa forma, a hipótese que norteia esse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Ausência; Concordância nominal.

ABSTRACT: This study examines the presence and absence of concord between the elements of SN in the speech of Pedro Leopoldo, MG, based on theoretical and methodological assumptions of the Theory of Language Variation and Change (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972). From interviews with 27 informants selected on the basis of specific hypotheses related to extralinguistic factors, we extracted 1461 data. According to the results of this analysis, the absence of concord (ACN) occurs in 52% of cases, confirming thus the assumption that guides this work.

KEYWORDS: Absence; Sociolinguistics; Nominal concord.

Introdução

Neste estudo, analisamos a variável linguística constituída da presença e da ausência de marca de flexão de plural entre os elementos do SN, na fala de Pedro Leopoldo/Minas Gerais, com base nos pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994). Nessa perspectiva, assume a língua como um sistema heterogêneo e, portanto, sujeito a variação, razão pela qual não pode ser analisada isoladamente, sem se levar em conta o contexto social no qual se processa; ou seja, o aspecto humano da língua deve ser valorizado pela Linguística. Além disso, essa variação e seus condicionamentos podem representar uma mudança em progresso ou constituir uma variável estável.

A língua portuguesa no Brasil apresenta mecanismos gramaticais de flexão de gênero, de número e de pessoa. De acordo com a Gramática Tradicional (GT), a sintaxe de concordância faz com que determinadas palavras se harmonizem, nas suas flexões, com as palavras de que dependem na frase. Segundo Cunha & Cintra (1985), a concordância nominal ocorre quando há harmonia das palavras com os substantivos aos quais se vinculam (exs.: *Dois pequenos goles de vinho e um calçado certo deixam qualquer mulher...*).

Mas, ao lado da presença de concordância nominal de número, o português do Brasil (PB) apresenta casos em que essa concordância deixa de ser feita – ou seja, no PB, há evidências da ausência de concordância nominal de número, que vem sendo objeto de estudos tanto dialetológicos quanto sociolinguistas.

Entre os trabalhos realizados por sociolinguistas, merecem destaque: Braga (1977) e Scherre (1988, 1996), Carvalho (1997), Andrade (2003) que analisam a concordância nominal no PB.

1. Da Obrigatoriedade da Concordância Nominal

As normas relativas à concordância nominal de número em Português, consensualmente apresentadas nas gramáticas, são explicitadas aqui considerando-se apenas alguns autores mais representativos; a essa explicitação se seguirá a síntese dos estudos variacionistas anteriormente mencionados.

A Concordância Nominal, segundo Bechara (2005) pode ser de palavra para palavra ou de palavra para sentido. Assim, considerando-se o primeiro caso:

1 – Na estrutura em que há uma só palavra determinada, a(s) palavra(s) determinante(s) deve(m) se harmonizar, em gênero e número, com tal palavra (ex.: *eu amo a noite solitária e muda*). Cabe observar que, no caso em que há uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo neste último caso, facultativa a repetição do artigo; em geral, isso ocorre com estruturas contendo adjetivos de nacionalidade (exs.: *as literaturas brasileira e portuguesa; a literatura brasileira e portuguesa; ou a literatura brasileira e a portuguesa*):

2 – Na estrutura em que há mais de uma palavra determinada, deve-se observar o gênero dessas palavras, porque:

3 - Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente, se vier anteposta, em

gênero e número com a mais próxima (ex.: *A língua e (a) literatura portuguesas* ou *A língua e (a)_literatura portuguesa.*)

No que diz respeito à concordância de palavra para sentido, conforme o referido autor, a palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a forma da palavra determinada, para levar em consideração apenas o sentido em que essa se aplica (ex.: *o (vinho) champanha, o (rio) Amazonas.*)

1.1. Ausência de Concordância Nominal: Resultado de Atuação de Regra Variável

Nos estudos sociolinguistas, a regra de concordância nominal entre os elementos flexionais do sintagma nominal (doravante SN) é tratada como uma regra variável; ou seja, uma regra que ora se aplica, ora deixa de se aplicar, em decorrência de atuação (positiva ou negativa) de determinados grupos de fatores.

Braga (1977), analisa esse fenômeno na fala de sete moradores do Triângulo Mineiro, todos da mesma faixa etária (de 15 a 20 anos), pertencentes às classes sociais média e baixa, com escolarização de Ensino Fundamental e Ensino Médio incompletos. Ao analisar a variável presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado, a variante elemento anterior não-flexionado apresenta maior chance de aplicação da regra de concordância de número no SN do que a variante elemento anterior flexionado; quanto à variável linguística posição linear do elemento no SN, denominada distância, a autora concluiu que: “os falantes da classe baixa e média apresentam uma probabilidade mais elevada na aplicação da regra na primeira posição com um declínio progressivo nas segunda, terceira, quarta e quinta posições” (BRAGA, 1977, p. 58-59).

Scherre (1996), trata da “influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português”. As construções analisadas por ela foram extraídas do banco de dados do *Corpus Censo – Rio de Janeiro*. Esse banco de dados é constituído por 11.086 dados extraídos de entrevistas de 48 falantes adultos. Scherre (1996), discordando da correlação sugerida por Guy (1981b), desenvolve uma abordagem analítica que considera três fatores (posição linear, classe gramatical, marcas precedentes) separadamente, e, com base nos fatos por ela observados, verifica que tomar classe por posição ou posição por classe implica encobrir regularidades linguísticas importantes. Assim, ela propõe a introdução de uma nova abordagem analítica que dê conta da relação entre essas duas variáveis, considerando que: A relação entre a classe gramatical e a posição, em relação aos elementos não-nucleares, deve ser vista por meio da distribuição desses elementos ao redor do núcleo, sem importar nem a

classe nem a posição linear, mas sim a distribuição da classe não-nuclear em relação ao centro do SN. Diante dessa proposta, após análise, conclui que: as classes não-nucleares antepostas são mais marcadas do que as pospostas; ou seja, não é o adjetivo que é pouco marcado, mas o adjetivo posposto. Nem é o quantificador que é muito marcado, mas o quantificador anteposto, razão pela qual, segundo Scherre, afirmar que a primeira posição do SN é mais marcada não é, portanto, adequado; e que os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições: na primeira e na terceira, são sempre mais marcados do que na segunda; dessa forma, ela refuta as conclusões de que o substantivo é uma das classes gramaticais menos marcadas, embora Poplack (1980a) já afirmasse que o substantivo tendia a ser mais marcado na primeira posição.

A concordância nominal também focalizada por Carvalho (1997), que analisa amostras de fala de 24 informantes, sendo 12 do sexo masculino e 12 do feminino, pertencentes à mesma faixa etária (20 a 35 anos), a classe social de baixa renda, e distribuídos em três graus de escolarização: analfabetos, de 1ª à 4ª e de 5ª à 8ª séries. Com objetivo de demonstrar se a oposição presença/ausência de marcas formais de plural nos elementos flexionáveis do SN correlaciona-se com um elenco de variáveis linguísticas: posição do elemento no SN, classe gramatical, marcas precedentes, contexto fonético e fonológico seguinte, assim como saliência fônica; e, com variáveis sociais: sexo, grau de escolarização e grau de formalismo do discurso.

Concluimos que, diante do registro dos trabalhos apresentados acima, é possível observar que o fenômeno da variação de concordância nominal de número (CN) no PB não está restrito a uma região específica. Apesar de considerarem os mesmos fatores linguísticos; ou seja – posição linear, classe gramatical e marcas precedentes –, esses estudos apresentam conclusões diversas. Assim, para melhor compreensão dos fatos que representam inovação no Português do Brasil, é de suma importância o estudo dessa variação na fala de membros de comunidades além das já pesquisadas.

2.1.Hipóteses e objetivos

A nossa proposta é testar as seguintes hipóteses: 1ª) Ao lado da presença de concordância, a ausência de concordância de número plural entre os elementos do SN está ocorrendo na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais; 2ª) Essa variação, no PB, com base nos estudos anteriores, supracitados, é condicionada pelos fatores estruturais – elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN: classe gramatical; elemento não-nuclear do

SN: posição, elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: presença/ausência de flexão de plural; e, pelos fatores não-estruturais: sexo, faixa etária, grupo social, escolaridade; 3^a) O uso dessa variável, na fala de Pedro Leopoldo, se caracteriza como mudança em progresso, nos termos de Labov (1972); 4^a) os moradores dessa comunidade usam mais a variante não-padrão e esse uso é mais frequente entre as pessoas com menos grau de escolaridade, e, pessoas pertencentes ao grupo social baixo (C).

2.2. Metodologia

Partindo dessas hipóteses, realizamos um estudo quantitativo baseado em *corpus* de língua falada, obtido por meio de entrevistas sociolinguísticas e utilizando uma amostra constituída por pessoas dos grupos sociais alto (A), médio(B) e baixo(C), distribuídas em três faixas etárias, a saber: J = de 17 a 23 anos; A = de 40 a 47 anos; I = acima de 60 anos; além disso, os informantes foram selecionados considerando-se diferentes níveis de escolaridade: Ensino Fundamental (F) – (completo, ou não); Ensino Médio (M) - (completo, ou não); Ensino Superior (S) - (completo, ou não).

3. Análise dos dados

Das entrevistas que fizemos com os 27 informantes selecionados em função das hipóteses específicas relacionadas a fatores extralinguísticos, extraímos 1.461 dados, que, após serem analisados qualitativamente, foram submetidos a uma análise quantitativa por meio do programa VARBRUL. De acordo com os resultados dessa análise, a ausência de concordância nominal (doravante ACN) ocorre em 759 casos (o que corresponde a 52% do total dos dados analisados), confirmando, dessa forma, a primeira hipótese que norteia esse trabalho.

3.1. Cruzamento entre as variáveis elemento nuclear e não-nuclear do SN: posição e classe gramatical

De acordo com Scherre (1996), uma das formas de se entender o fenômeno de CN no Brasil é através do cruzamento entre as variáveis classe gramatical e posição linear, assim através dos resultados da ACN (759), apresento abaixo a tabela 1, contendo os resultados desse cruzamento e a seguir as conclusões.

TABELA 1: Distribuição dos dados em função da flexão de plural nos elementos nucleares e não-nucleares relacionados segundo a classe gramatical e posição no SN.

Classe gramatical	posição			Total	Aus.	%	Pres.	%
	primeira	segunda	terceira		Flex.		Flex.	
Elemento nuclear								
Substantivo	5	675	60	740	717	97	23	3
Não-substantivo	0	19	0	19	18	95	1	5
Total	5	694	60	759	735		24	
Elemento Não-nuclear								
Adjetivo	2	11	38	51	47	91	4	9
Numeral	0	2	0	2	0	0	2	100
Possessivo	42	10	6	58	4	9	54	91
Artigo	449	3	0	452	0	0	452	100
Demonstrativo	94	2	0	96	2	1	94	99
Indefinido	89	8	3	100	3	1	97	97
T O T A L	676	36	47	759	56		703	

TABELA 2: Distribuição dos dados em função da flexão de plural nos elementos não-nucleares e nucleares relacionados de acordo com a posição do SN.

	Primeira posição		Segunda posição		Terceira posição	
	Aus.	Pres.	Aus.	Pres.	Aus.	Pres.
Elemento nuclear	0	5	675	19	60	0
	0%	100%	97%	3%	100%	0%
Elemento não-nuclear	0	676	12	24	43	4
	0%	100%	30%	70%	91%	9%

Os resultados apresentados nas Tabelas acima mostram que:

- 1) O núcleo, assim como o não-núcleo, quando ocupam a primeira posição, apresentam 100% de flexão de plural.
- 2) Já na segunda posição, ocupada principalmente pelo substantivo, este apresenta um alto índice de ausência de flexão de plural 97%, acompanhado pelos adjetivos, que, também, apresentam uma alta frequência de ausência de flexão de plural, ou seja, dos 11 casos que ocupam a segunda posição 9 não trazem a flexão de plural em seu elemento. Por sua vez, é importante ressaltar que a classe não-nuclear (determinantes), quando ocupam a segunda posição, apresentam um comportamento diferente dos elementos nucleares (substantivo e não-substantivo) e a classe não-nuclear (adjetivos); ou seja, dos casos de determinantes quando ocupam essa posição, apresentam um percentual baixo de ausência de flexão de plural 29%.
- 3) Na terceira posição, ocupada, principalmente, pelos adjetivos e substantivos (sendo os determinantes nessa posição: apenas 6 casos de possessivos e 3 casos de indefinidos), o percentual de ausência de flexão de plural é categórico no elemento nuclear (100%) e quase categórico elemento não-nuclear (97%), ressaltando que essa diferença se deve a duas ocorrências de possessivos nessa posição conforme o exemplo (*os serviço seus*).

3.2. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, posição em relação ao elemento nuclear

Seguindo Scherre (1996), fazemos, agora, uma análise minuciosa dos dados, procurando verificar a relação de anteposição e posposição entre o não-núcleo e o núcleo, utilizando apenas os dados de ocorrências de ACN no interior do SN. Os valores obtidos podem ser visualizados na Tabela 3, a seguir:

TABELA 3 -Distribuição das classes gramaticais não-nucleares em função da posição e da relação com o núcleo

Classe e posição	Relação com o núcleo					
	Antepos.	A	P	Posposto	A	P
Adjetivo na 1ª posição <i>(...altas paulada.)</i>	2		2		0	0
Adjetivo na 2ª posição <i>(os mesmos colega.)</i>	4	2	2	7	7	
Adetivo na 3ª posição <i>(uns menino marginal)</i>				38	38	
Total	6	2	4	45	45	0
Quantif. na 2ª posição <i>(os últimos dia: meus primeiros ano)</i>	2		2			
Total	2		2		0	0
Possessivo na 1ª posição <i>(seus irmão: minhas amiga)</i>	42		42			
Possessivo na 2ª posição <i>(as minhas roupa: as minhas coisa)</i>	10		10			
Possessivo na 3ª posição <i>(umas foto minha: todas diretora minha)</i>				6	4	2
Total	52		52	6	4	2
Artigo na 1ª posição <i>(os meus estudo: as suas briga)</i>	449		449			
Artigo na 2ª posição <i>(todos os esporte: todos os dia)</i>	3		3			
Artigo na 3ª posição						
Total	452		452		0	0
Demonstrativo na 1ª posição <i>(aqueles menino: aquelas, aquela palha de</i>	94		94			
Demonstrativo na 2ª posição <i>(aquelas, aquela palha de capim.</i>	2	2				
Demonstrativo na 3ª posição						
Total	96	2	94		0	0
Indefinido na 1ª posição <i>(muitas pessoa: vários curso: outras coisa).</i>	89		89			
Indefinido na 2ª posição	8	1	7			
Indefinido na 3ª posição <i>(as série toda: nos dias todo)</i>				3	3	
Total	97	1	96	3	3	

Total geral	705	5	700	54	52	2
		1%	99%		96%	4%

Em função desses resultados, concluímos que os elementos não-nucleares não se comportam da mesma forma:

A – Quando antepostos ao núcleo, apresentam índice de presença de marca de flexão de plural categórico (em 100% dos casos), independentemente de serem adjetivos ou determinantes:

(01) ...eu dei altas paulada (INF20REINMJMC)

(02)...as patinha cravada (INF02JUNIMJSA)

(03)... os mesmos colega;... as próprias mão (INF24ELIAFAMC)

B – Quando esses elementos estão pospostos ao núcleo, o comportamento é totalmente o contrário; em 96% dos casos ocorre ausência de flexão de plural, sendo que os casos em que a flexão se faz presente são de pronomes possessivos:

(04) ...não sei, mas os serviço seus tá correto não. (INF11RAMOMJMB)

(05)... as série toda (INF21VAGNMJMF)

(06)... noites fria,... dias quente...(INF18 EDGAMISB)

(07)... coisas diferente dos demais...(INF3BETOMJSA)

(08)... peessoas honesta...(INF3BETOMJSA)

(09)... essas muié feia...(INF5ROSAFASA)

(10)aquelas arca grandona, aqueles enxoval chiquerrimo(INF8NILCFISA)

Em síntese, ao analisarmos as variáveis linguísticas independentes propostas nesse estudo, chegamos às seguintes conclusões:

A – Os dados analisados confirmam a nossa hipótese inicial de que, na fala de Pedro Leopoldo, a ACN entre os elementos do SN é mais frequente do que a presença de concordância entre tais elementos;

B – A ACN é condicionada por grupos de fatores estruturais – dos cinco estabelecidos, dois foram apontados como seus condicionadores.

Confirmamos, também, o que afirma Scherre (1996), ou seja: que a melhor forma de se entender a concordância nominal no Brasil é pelo cruzamento entre as variáveis posição e classe gramatical, bem como verificando a relação de anteposição e posposição do não-núcleo em relação ao núcleo.

4. Atuação dos fatores não-estruturais

Com relação aos fatores não-estruturais, foram considerados, na análise inicial, estes: sexo, faixa etária, nível de escolaridade e grupo social do informante. Os resultados dessa análise apontaram o grupo faixa etária como não-significativo e, como significativos, os grupos de fatores sexo, nível de escolaridade e grupo social.

A faixa etária é o grupo de fatores que juntamente com o grupo social, serve para caracterizar a variação como caso de mudança em progresso ou variável estável. O fato desse grupo não se mostrar significativo mostra que a atuação do grupo de fatores faixa etária não fornece evidências de que essa variação poderia estar caracterizando um fato de mudança em progresso.

4.1. Sexo

A nossa hipótese em relação a esse grupo é a de que, ao contrário do que afirma Labov (1983) e Paiva (1992), de que as mulheres são mais sensíveis à variável padrão, não se confirma na atual década. Consideramos que, atualmente as mulheres, ou melhor, as jovens usam com mais frequência a variável não-padrão do que os jovens, isso ocorre, talvez, devido às atitudes sociais decorridas com o tempo. Porém, atualmente, as mulheres evoluíram, em vários aspectos (mercado de trabalho, participação política, escolaridade e, principalmente, ambiente social), e acreditamos, que esse último fator tem influenciado bastante na linguagem. Para tal comparação, apresentamos, a seguir, primeiro, a Tabela 4, contendo os primeiros resultados, depois, a Tabela 5, comparando os nossos resultados com os de Scherre (1988) e de Carvalho (1997); e a Tabela 6 que mostra os resultados do procedimento de cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária.

TABELA 4: A ACN segundo o sexo

Fatores	Totais	Ocorrências	%	PR
Feminino	949	475	50%	.44
Masculino	348	210	60%	.66
Total	1.297	685	53%	

Conforme resultados apresentados na tabela 4 é possível constatar que os homens utilizam mais a forma linguística não-padrão (.66) do que as mulheres (.44), contrariando a nossa hipótese de que as mulheres não demonstram tanta sensibilidade em relação à forma linguística padrão, e corroborando o que atestam Labov (1983) e Paiva (1992).

Dos estudos que analisaram esse fenômeno, com exceção de Braga (1977), todos analisaram a variável sexo, na Tabela 5, a seguir, os dados obtidos na comunidade investigada são apresentados, comparando-os aos resultados de Scherre (1988), na amostra do Rio de Janeiro, e de Carvalho (1997), na amostra do Rio Branco.

TABELA 5 - A ACN segundo o sexo nas amostras do Rio de Janeiro-RJ, Rio Branco AC e Pedro Leopoldo-MG.

	Scherre (1988)	Carvalho (1997)	Pedro Leopoldo
Fatores	ACN	ACN	ACN
Feminino	.41	.60	.44
Masculino	.59	.40	.66

Os nossos resultados corroboram os resultados obtidos por Scherre (1988), que obteve resultados inversos aos de Carvalho (1997), confirmando que as mulheres tendem a se aproximar mais da norma padrão do que os homens.

No entanto, esses resultados não confirmam a nossa hipótese de que, na atualidade, as jovens usam mais a variante não-padrão do que os jovens, devido ao fator ambiente social. Para verificarmos se isso tem relevância na fala dos moradores dessa comunidade, procedemos ao cruzamento dos grupos de fatores sexo e faixa etária.

TABELA 6: A ACN considerando o cruzamento entre o sexo e a faixa etária

Fatores	Feminino	Masculino
Jovem	62%	58%
Adulto	51%	75%
Idoso	50%	58%

Os resultados percentuais da Tabela 6 apontam para uma diferença irrelevante nos resultados, uma vez que tanto os jovens (58%), quanto as jovens (62%) usam a variante não-padrão quase que na mesma proporção; porém, quando comparamos os resultados do sexo feminino as jovens com as adultas e as idosas, a diferença é muito pequena (10%) para se afirmar que as jovens mudaram seu comportamento diante da linguagem formal padrão.

4.2. A influência do nível de escolaridade

A literatura específica sobre o estudo de concordância nominal de número no Brasil vem confirmando a hipótese de que, quanto mais escolarizado o informante é, maior é a sua propensão a aplicar a regra de concordância de número no SN, como também o inverso é verdadeiro; isto é, quanto menor o grau de escolarização, menor é a probabilidade de o informante usar a forma padrão de concordância nominal. Nossas hipóteses, em relação à atuação desse grupo, são de que os moradores dessa comunidade usam mais a variante não-padrão, e de que esse uso é mais frequente entre as pessoas menos escolarizadas; nesse caso, as pertencentes ao fator do nível de escolaridade Ensino Fundamental. Vejamos, então, a tabela abaixo, que exhibe os resultados referentes à variável grau de escolaridade no PB falado em Pedro Leopoldo, através da Tabela 7.

TABELA 7 - A ACN segundo o nível de escolaridade

Fatores	Total	ACN	%	PR
Fundamental	368	280	76	.70
Médio	402	272	68	.66
Superior	527	133	25	.26
TOTAL	1.297	685	53	

Conforme podemos depreender dos dados acima, em termos de PR, os falantes pertencentes ao nível de escolaridade Ensino Fundamental atingem resultados superiores (.70), seguidos dos informantes do nível de escolaridade Ensino Médio (.66), ocorrendo uma queda brusca dos pertencentes ao Ensino Superior (.26). Confirmando, dessa forma, nossa hipótese de que quanto menor o nível de escolaridade, maior a propensão que tem de fazer uso de construções com ACN. Os valores atribuídos aos fatores desse grupo aparecem em

ordem decrecente: fator $F > M > S$. $PR = [.70 > .66 > .26]$. A nossa hipótese de que o nível de escolaridade do falante exerce influência na preferência pela ACN se confirma.

4.3. A influência do grupo social

Conforme afirma Scherre (2002, p. 225), as pessoas de classes com mais prestígio social têm tendência a fazer mais concordância, ao contrário das pessoas com menos prestígio social, que tendem a realizar menos concordância, embora todos os brasileiros, em maior ou menor grau, deixem de fazê-la no uso espontâneo da linguagem, em contextos sintáticos regulares. Assim, partimos da hipótese de que a variante “presença de concordância nominal entre os elementos do SN” é mais presente entre os informantes incluídos no grupo social (A e B), sendo que, no grupo (C), o que se sobrepõe é a variante “ACN entre os elementos no SN.

TABELA 8- A influência do grupo social A (alto), B (médio) e C (baixo).

Fatores	Totais	Ocorrências	%	PR
A - alto	544	198	36	.45
B - médio	300	130	43	.34
C - baixo	453	357	79	.67
TOTAL	1.297	685	53	

Conforme esses resultados, é possível observar que o grupo social C (baixo) é o que mais favorece o uso dessa variante: PR .67. Porém, ao observamos os resultados dos grupos sociais A (alto) e B (médio), algo nos surpreendeu, os informantes incluídos no grupo social B (médio) apresentam um resultado mais desfavorecedor à ACN (.34) do que os informantes incluídos no grupo social A (alto) .45. Esperávamos que o resultado fosse $C > B > A$; no entanto, o que vemos é $C > A > B$. O

Diante desses resultados, resolvemos proceder ao cruzamento entre as variáveis grupo social e escolaridade, para verificar se o nível de escolaridade pode estar influenciando na fala dos moradores pertencentes aos grupos sociais A, B, C, nessa comunidade.

Esses resultados podem ser melhor visualizados através da Tabela 9:

TABELA 9: A ACN segundo cruzamento entre grupo social e escolaridade

Fatores	Superior	Médio	Fundamental
Alto	25%	41%	80%
Médio	27%	59%	33%
Baixo	0	75%	83%

Em síntese, concluímos que há uma considerável distância, em termos percentuais, entre os valores obtidos pelos grupos sociais alto e médio e os níveis de escolaridade. O grupo social alto, com nível superior, apresenta um resultado em percentual equivalente ao do grupo social médio. Todavia, ao compararmos os resultados dos grupos sociais alto e médio correlacionados com o nível de escolaridade fundamental a diferença em percentual é altíssima, o primeiro com (80%) e, o segundo, com (33%), apontando para uma possível causa dessa alteração na ordem esperada ($C > A > B$).

5. Considerações finais

Entendemos que o estudo linguístico na zona urbana, não só em Minas Gerais, como em todo o País, é de grande relevância no âmbito da Sociolinguística. Com esse estudo, evidenciamos que o fenômeno de variação na concordância de número no PB não está restrito a uma região ou a uma classe social específica; é característico de toda a comunidade de fala brasileira. Esperamos que o nosso trabalho venha a contribuir, de alguma forma, para o avanço dos estudos sociolinguísticos neste País.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. M.. *Rupturas e contínuos da Concordância Nominal de número em textos orais de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina USSC, Tubarão, 2003.

BECHARA, E.. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRAGA, M. L.. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. 1977. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1977.

CARVALHO, R. C.. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, 1997.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F.. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FISCHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas. In: FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. (ufrgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

GUY, G. R.. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. PhD Dissertation, mimeo.

LABOV, W.. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

POPLACK, S.. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish; competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

ROSSEAU, P.; SANKOFF, D.. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, D. (Ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978.

SANKOFF David; CEDERGREN, Henrietta (Eds.). *Variation Omnibus*, Canadá, Linguistic Inc., p. 85-93, 1981.

SANTOS, L.S.M. *Sobre a ausência de concordância nominal de número no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais: uma abordagem variacionista*.2010. (Dissertação Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SCHERRE M.M.P.. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, Giselle M. de Oliveira e;

SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p.41-62, 1996. Tempo Brasileiro.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory in language change. In: LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y.. (Eds). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.